A vitória da Victoria

Era uma madrugada fria e enevoada no cemitério do pequeno povoado de Beauville e o jovem Rick seguia por entre as covas. Seu coração batia acelerado de medo e expectativa. O garoto franzino foi surpreendido por um corvo, fazendo com que ele tropeçasse na raiz seca de uma árvore, indo parar dentro de uma cova que estava aberta. Com muito esforço, ele tentava puxar seu corpo para fora, usando seus bracinhos magricelos, mas as pernas não eram fortes o suficiente, e parecia não conseguir dar o impulso necessário. Finalmente encontrou um ramo de hera que se soltava do solo, e puxando de um lado, pisando de outro, acabou chegando ao topo.

Mal conseguiu suprimir um suspiro de alívio ao chegar ao seu destino desejado: atrás do mausoléu. Mas não podia demonstrar que tivera medo, principalmente na frente do seu treinador.

— Você está atrasado, garoto— Ferdinand zombou, apontando para as vestes enlameadas de Rick—e, à propósito, se quer mesmo ser cavaleiro, sugiro que fique um pouco mais apresentável na próxima vez. – Acrescentou, olhando-o de cima a baixo com escárnio.

— Desculpe, mestre, —foi só o que Rick respondeu.

— Você trouxe o pagamento?

— Sim, mestre, aqui está—e lhe entregou um saco de estopa, que Ferdinand abriu em seguida para conferir o conteúdo.

— Mas estas cebolas são muito pequenas.

— Desculpa, senhor, mas foram as maiores que eu consegui. Se o meu senhor descobrir que as maiores cebolas estão desaparecendo, ele tomará as terras da minha família e é bem capaz de querer investigar para onde elas foram. — Ele arrematou com um olhar significativo para o rapaz, que entendeu imediatamente. Não podiam se arriscar a serem descobertos.

Ferdinand tinha 23 anos, seus cabelos eram castanho-claros e quase chegavam à altura dos ombros. Tinha porte atlético: de fato, todas as moças do povoado dariam seu braço direito por um olhar mais demorado dele. Os olhos penetrantes eram da cor de seu cabelo. Podiam ser doces se queria alguma coisa, mas quando se enfurecia, eram ameaçadores.

— Vamos parar de desculpas esfarrapadas e começar o treino. Hoje vamos treinar combates com a espada. Pega aquela que está ali no canto.

Rick foi confiante até a espada, mas na hora de levantá-la perdeu o equilíbrio.

— Eu não acredito que nem empunhar uma espada você consegue! — resmungou Ferdinand. – Tenho uma sobrinha doente que é mais forte do que você.

De repente, os dois escutam um farfalhar de folhas.

— O que foi isso? Será que tem mais alguém aqui? —perguntou Rick apreensivo. Ferdinand olha para cima, mas não enxerga nada. –Também achei que tinha ouvido alguma coisa. É melhor a gente parar por hoje.

Os dois seguem em direções opostas, Rick ainda sobressaltado por estar passando por aquela situação.

Na manhã seguinte, Rick ainda pensava no que acontecera na noite anterior, e se deveria continuar tentando ser cavaleiro. Depois de horas trabalhando na plantação de cebolas, ele parou para beber água. Ainda estava perdido em seus devaneios quando ouviu uma voz às suas costas.

— Bom dia, Rick! —Ele levantou a cabeça e o que viu foi a menina da família vizinha.

— Oi, Victoria. –Ele conteve um suspiro. Não gostava dela. Era a pessoa mais convencida e intrometida do povoado. — Você não deveria estar trabalhando e ajudando a sua família?

— E você não deveria estar tentando levantar uma espada? —Ela disse despreocupada, porém, com um tom de desafio em sua voz.

Ele levantou devagar os olhos do balde próximo ao poço. Precisaria ter mais cuidado com ela do que tinha pensado.

— O que você sabe? –ele perguntou em voz baixa, tentando manter um tom impassível sem, no entanto, deixar de denotar preocupação. —O que você quer? —ele se corrigiu.

— Santo Deus, por quem me toma? Eu não sonharia em delatar você.

— Não? —Rick se espantou. —Então o que pretende com essa conversa? Se alguém pega a gente conversando sobre isso... Espera um pouco, então era você ontem?

— Ah, ele não é burro não...—ela riu com prazer.

— Agora não interessa mais. —Ele se sentou na borda do poço. —Vou desistir dessa bobagem de ser cavaleiro. Parece que não levo jeito mesmo, o mestre vive dizendo isso. Além disso, não posso privar minha família das poucas cebolas que nós temos para comer. Se alguém descobrir sobre mim... — ele fez um gesto com o dedo, um movimento como se cortasse a garganta.

— Eu vi o jeito como ele trata você. Você não pode deixar ele fazer isso. –Pela primeira vez ela ficou séria, e parecia sincera.

— Por que você se importa?

— A gente trata as pessoas decentemente e é isso que recebe, ingratidão... — ela suspirou afetando drama. —Você quer saber uma coisa sobre o seu amado mestre? —Victoria continua sem esperar resposta. – Pois saiba que ele é um desertor covarde. Foi isso que o meu pai falou. Ele abandonou os companheiros no campo de batalha, e acha que, porque fracassou, ninguém mais é capaz. Ele não quer que você

vença. Ele não vale nem três cebolas nanicas. Você é melhor do que ele em tudo. —Rick dá uma risadinha sem graça.

— É, até parece. E por que você está sendo boazinha comigo? — ele perguntou desconfiado.

— Porque eu acho que você consegue. Você tem potencial. Você tem caráter, seu coração é puro. Só precisa ter auto-confiança. E um pouco de coragem não ia fazer mal também. Você diz que pensa na sua família. Mas não pensa. Imagine só quantas cebolas eles teriam pra comer se um dia você se tornasse cavaleiro. — Ela levantou o queixo dele e deu um soco de leve, uma coisa para a qual ele não estava preparado. Ainda estava pensando nas palavras da menina quando ela foi embora. Quando voltou ao trabalho, seu andar já estava um pouco mais confiante.

Ao anoitecer, quando ia para casa, percebeu uma multidão que se amontoava na praça. Um menino do povoado chegou correndo e avistou Rick.

— Vem logo, você vai perder o espetáculo.

— Quem vai ser dessa vez, Jean? —Ele perguntou.

— Não sei... A gente só vai saber quando for lá.

Os dois correram, e aos empurrões e cotoveladas conseguiram chegar até o meio das pessoas, a tempo de ver um homem sendo enforcado. A visão da pele se tornando rapidamente azulada e a espuma saindo pela boca lhe causou repulsa. Ele queria sair dali o mais rápido possível.

— Olha só, Rick! Agora é a melhor parte. O pescoço está quebrando. – Jean narrou.

Assim como o garoto, toda a multidão vibrava. E também as entranhas de Rick, embora ele suspeitasse que não fosse de euforia.

— Acho melhor a gente ir embora.

— De jeito nenhum... Ah, não! Ele ainda não morreu! Vamos ficar mais um pouco.

Mas ele não esperou mais. Correu para fora do conglomerado na primeira oportunidade, e não encontrou nenhuma resistência ao sair.

Ao chegar em casa, sua pele já estava quase tão azul quanto a do enforcado. A primeira pessoa que notou isso foi a cunhada, que parecia estar cozinhando.

— Rick, o que aconteceu com você? Você está bem?

— Não, eu estou me sentindo meio enjoado.

— Isso deve ser fome. Não vai querer um pouco de sopa de cebola?

— Isso deve ser frescura – O pai entrava naquele instante. – Aposto que foi ver outro enforcamento, e agora ficou assim, abalado.

— Pensando melhor, eu vou querer um pouco dessa sopa. – Rick falou, contrariado, para que o pai parasse de falar. Mas ele não parou.

— Ele se parece com a mãe. Ela, coitada, vivia doente, era muito fraquinha. Dou graças aos céus pelo Pierre ser mais parecido comigo,

mais forte, mais robusto. Senão ele não aguentaria um minuto sequer naquela guerra. – Rick odiava quando ele comparava os dois irmãos. Procurou pensar no que a Victoria tinha falado, e conseguiu manter a calma. Afinal de contas, alguém no mundo acreditava nele. Pensou que ele também precisava acreditar. – Essa sopa está muito rala. Onde foram parar as cebolas dessa casa, Brigitte? — o sogro reclamou.

— Não sei, senhor. Quando fui pegar algumas de manhã, só tinham essas. – Ela se justificou. Rick arregalou os olhos e disse, prontamente:

— Acho que vou dormir. —Pois teria que acordar no meio da madrugada para treinar.

Mas ao acordar, o que viu não foi o silêncio e a escuridão de costume. Na janela, não podia ver um palmo adiante do nariz. A neblina parecia envolver o povoado inteiro. No entanto, ouvia vozes como já se fosse de dia e todos estivessem acordados. E mais, as vozes se atropelavam, todos gritavam e falavam ao mesmo tempo. Pensou que fosse um sonho, até que Brigitte chegou perto da sua cama com uma vela.

— Acorda, Rick! Acorda! Levanta logo! – disse ela, ignorando que ele havia despertado muito antes do que ela própria. Eles saíram, ela colocou apenas uma capa por cima da camisola, ele vestiu uma túnica às pressas. No caminho, encontraram o pai do Rick, que vinha na direção oposta, com o rosto inchado e úmido.

— Ele morreu, o meu filho morreu. O que vai ser de mim sem o meu filho? —Brigitte desmaiou e, por sorte, Rick conseguiu ampará-la. – O que aconteceu, pai? – Ele ainda estava desnorteado, com a cunhada nos braços.

—Uma coisa horrível, meu filho. Eles chegaram, os cavaleiros chegaram, e o meu Pierre não veio. Ele morreu, o meu filho morreu, Rick. —Ele não parava de repetir isso e outras coisas sem nexo, enquanto soluçava. Um cavaleiro entrou pela porta, e se dirigiu ao Rick.

—Você é o irmão do Pierre?

— Sou sim. E você quem é?

— Meu nome é Henri. Eu estava com o Pierre quando ele morreu. Ele me entregou isto. – Ele carregava na mão um bracelete de couro, que Rick reconhecia. Brigitte havia feito antes de o irmão partir, como presente de despedida. De repente, ele largou a menina e o pai em casa e saiu correndo, todos da cidade olhavam alarmados, como se ele estivesse possuído. Só parou de correr ao chegar no poço, onde, naquele mesmo dia, havia conversado com a Victoria e se sentido melhor. Ele juntou as mãos em concha e pegou a água que ainda restava no balde para jogar no seu rosto. Neste exato momento, lhe ocorreu que Ferdinand deveria estar no mausoléu. Não quis ir até lá. Ficou parado, pensando, sentado no poço até amanhecer. Não sentia mais sono, os olhos estavam abertos, ele estava acordado como se houvesse dormido a noite inteira. Via as pessoas andando em direção à igreja,

provavelmente para a missa. Porém, ao longe, via um ponto que avançava em sua direção. O ponto se tornou uma figura, a Victoria.

— O que você está fazendo? —ele perguntou. –Você não vai pra igreja, não?

— Eu vim apoiar um amigo. O único amigo que eu tenho.

— A cidade toda deve estar lá, e eu larguei o meu pai e a esposa do Pierre, sozinhos. Eu sou tão covarde como você diz que o Ferdinand é. Eu fiquei enjoado ontem só de ver um homem ser enforcado. Imagina quantas pessoas o Pierre viu morrer? Ele, sim, é o verdadeiro heroi. O meu pai tem razão.

— Vai começar de novo com essa ladainha? Quer saber de uma coisa? Eles têm razão mesmo. Você não passa de um covarde. Nem sei mais se você merece mesmo ser cavaleiro. Porque, enquanto as pessoas estivessem morrendo, você estaria pensando em como você sofre, como se só você importasse. Em vez de estar lá com o seu pai e a Brigitte, você vem pra cá pensar em si mesmo. Mas eu estou cansada de você se fazendo sempre de vítima. Agora vem comigo, fazer o que o seu irmão gostaria que você fizesse. Você agora precisa crescer!

— E se eu não quiser ir? – ele perguntou, se arrependendo em seguida.

— Aí, — ela acrescentou com um sorrisinho maldoso—eu conto pro seu pai que você anda roubando as cebolas pra treinar às escondidas.

— Eu não me importo. Conta se quiser. – Mas mesmo assim seguiu a garota. O templo estava cheio, todos os bancos haviam sido ocupados. Ferdinand foi o primeiro a falar com Rick.

— Olha, eu sinto muito, garoto. É realmente uma pena. –E olhou para Victoria, intrigado ao vê-la com o Rick. Enquanto ele foi para perto do pai e da cunhada, os dois ficaram em pé, no fundo da igreja. O padre falava algumas palavras de homenagem aos cavaleiros mortos. O pai parecia ter esquecido do que falara no dia anterior. Abraçou o filho com força e ficou chorando. Enquanto isso, Brigitte apertava a mão dele com força. Mais uma vez, ele pensou nas cebolas, e nas palavras da Victoria, e resolveu terminar o que havia começado. Ele ia continuar treinando para honrar sua família.

Na madrugada daquele dia, Rick se levantou e correu para o cemitério, sem parar para sentir medo. Mas o que viu em seguida assustou mais do que o pio agourento dos corvos. Ferdinand estava lá, como de costume, mas havia uma outra pessoa. O que a Victoria estava fazendo ali com ele? Ferdinand apoiava uma mão na árvore, e com a outra acariciava os cachos negros dela, que lhe caíam pelos ombros e iam até a cintura. A cena era de intimidade. Rick saiu, e conseguiu passar despercebido sem fazer o menor esforço. Foi trabalhar, e a cada golpe que dava na terra, pensava nos dois. O dia passou sem que ele sentisse, e foi para casa.

Ao contrário do dia anterior, Brigitte não estava mais cozinhando, e o pai não resmungava. Sentiu pena dele, parecia que todos tinham

perdido a vontade de viver. E, ironicamente, ninguém o tratava mal. Queria voltar no tempo, desejava nunca ter roubado as malditas cebolas, se aquilo fosse trazer o irmão de volta. Queria que o pai voltasse a reclamar da sopa rala, se gabando sobre a saúde do irmão forte. Não gostava da novidade de ser o chefe da casa, de ter que cuidar deles dali em diante. Mais uma vez lembrou da Victória e dos seus conselhos. Tentou espantar aqueles pensamentos, como se pudesse afastá-los para bem longe. Mas não adiantava. Ele tinha que crescer.

—Pai—ele falou—Traz a Brigitte aqui. Eu preciso falar com vocês dois. –O outro chamou a menina. Eles olhavam para o garoto, atônitos. –Eu tomei uma decisão. Vou me casar com a Brigitte.

Eles estavam tão anestesiados com tudo que acontecera que isso não causou tanto impacto. Timidamente, Brigitte buscou o bracelete em cima da sua cama, onde havia chorado o dia inteiro, e o ofereceu ao Rick, selando, assim, o compromisso. Alguns meses depois, durante uma ida à cidade, Rick percebeu que a Victoria o observava de longe, esboçando um semblante de “missão cumprida”. Ele não percebeu que, embora não tivesse talento na arte do combate, Victoria transbordava talento na arte da armação.